



Bruno Ottoni

Especialista sênior da FGV Projetos. Professor da Uerj



A jornada de trabalho 6x1 na última década

Mesmo diante da recuperação do mercado de trabalho, a modalidade de trabalho 6x1 segue em alta

Nos últimos meses, a discussão sobre a jornada de trabalho ganhou força na mídia e no Congresso Nacional. A apresentação de propostas de emenda constitucional (PECs) na Câmara dos Deputados acendeu o debate sobre a jornada máxima de trabalho no Brasil, atualmente limitada a oito horas diárias e 44 horas semanais. Neste sentido, aqueles postos que operam na jornada máxima geralmente dividem as 44 horas ao longo da semana em cinco dias com oito horas trabalhadas, um com quatro horas e um dia de folga, constituindo a famosa jornada 6x1.

A norma constitucional (artigo 7, inciso XIII) tem sido alvo de críticas à medida que resta pouco tempo ao trabalhador para realizar outras atividades além do trabalho, como lazer, estudos ou para resolver questões pessoais. O excesso de carga laboral poderia levar até mesmo à deterioração da saúde física e mental do indivíduo. Por outro lado, há aqueles que ressaltam o risco da redução da jornada máxima em aumentar os custos das empresas e estimular a informalidade no mercado de trabalho. O objetivo deste texto é observar a dinâmica da jornada de trabalho 6x1 no Brasil na última década.

Para isso, utilizamos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) Trimestral, produzida pelo IBGE.

Postos de trabalho com a jornada 6x1 geralmente estão associados a empregos de pior qualidade. Estes, além das jornadas mais extensas, no geral são caracterizados por piores salários, menor exigência de escolaridade e maior vulnerabilidade. Isso significa que, quando a situação da economia piora e a taxa de desemprego aumenta, cresce a proporção de trabalhadores na jornada 6x1. Na figura 1, observamos a evolução da parcela de trabalhadores 6x1 no eixo principal e a evolução da taxa de desemprego no eixo secundário entre o primeiro trimestre de 2012 e o terceiro trimestre de 2024. Nela, podemos ver que o aumento da taxa de desemprego durante a crise de 2015 foi acompanhado por um aumento na parcela de trabalhadores em jornada estendida. No segundo trimestre de 2018, essa proporção chegou a 48,6%, valor máximo da série histórica.

Embora a partir de 2021 tenha se iniciado uma recuperação do mercado de trabalho, com a taxa de desemprego atingindo níveis semelhantes aos do pré-crise (6,4%, em 2024), a proporção de trabalhadores na jornada 6x1 permaneceu alta, com 46,1% trabalhadores do setor formal nes-

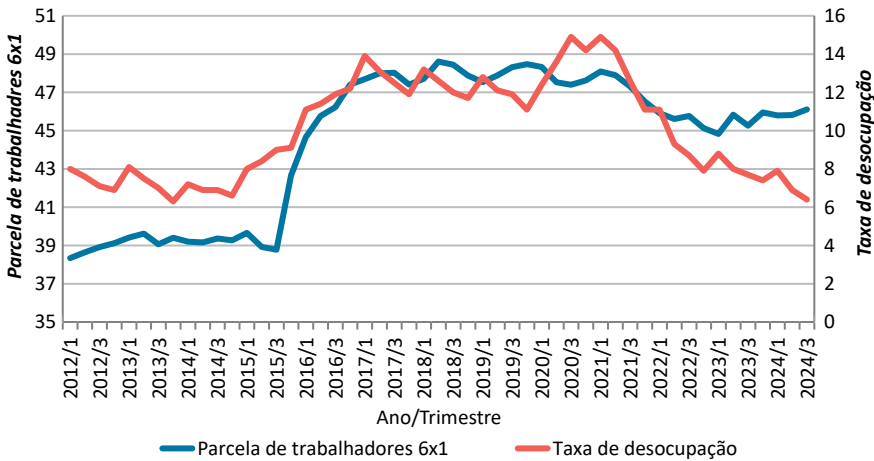
se tipo de jornada. Nesse momento ocorreu um “descolamento” das duas séries (apesar da proporção de trabalhadores na jornada 6x1 também ter diminuído com a recuperação do mercado de trabalho).

Na tabela 1, analisamos a variação da parcela de trabalhadores na jornada 6x1 nos últimos dez anos, ou seja, entre o terceiro trimestre de 2014 e o mesmo trimestre em 2024. Recortamos ainda o dado entre diversas categorias. Entre 2014 e 2024 a parcela de trabalhadores na jornada 6x1 aumentou 6,7 p.p. (subindo de 39,1% a 46,1%). Entre aqueles com escolaridade superior ou mais o aumento foi de 13,7 p.p., sugerindo que os trabalhadores mais qualificados passaram a aceitar piores condições de emprego. Nos setores de serviços, construção civil e indústria os aumentos foram de 8 p.p., 8,6 p.p. e 8,9 p.p., respectivamente.

Em resumo, vimos que as crises de 2015 e 2020 impactaram severamente o mercado de trabalho, aumentando o desemprego e forçando os trabalhadores a aceitar piores condições de trabalho. Recentemente, apesar de o desemprego ter retomado níveis pré-crise, a parcela de trabalhadores em longas jornadas permanece em patamar elevado, reforçando que a recuperação dos últimos anos não foi suficiente para diminuir significativamente a proporção de postos de trabalho de jornada estendida. Essa ainda elevada proporção de trabalhadores na jornada 6x1 mostra que a discussão sobre o tema é de grande relevância. Resta saber se os benefícios associados a uma mudança da regra superariam os custos. 

Bruno Ottoni escreve a cada bimestre.

Figura 1: Evolução da parcela de trabalhadores 6x1 versus a taxa de desocupação entre 2012 e 2024



Fonte: PNAD Contínua Trimestral – IBGE. Elaboração: própria.

Tabela 1: Parcela de trabalhadores no mercado formal com jornada de 6x1 em 2014 e 2024¹

		Trabalhadores 6x1 no mercado formal		
Categoria		2014	2024	Var p.p. (201 - 2024)
Total		39,4	46,1	6,7
Gênero	Homens	41,3	48,6	7,2
	Mulheres	36,6	42,8	6,3
Cor de pele	Branca	37,3	44,2	7,0
	Negra	41,6	47,7	6,1
Escolaridade	Médio incompleto ou menos	44,5	49,2	4,7
	Médio completo ou superior incompleto	41,1	49,9	8,8
	Superior completo ou mais	20,2	33,9	13,7
Faixa etária	24 anos ou menos	42,7	47,0	4,3
	De 25 a 64 anos	38,7	46,1	7,5
	65 anos ou mais	26,9	33,6	6,7
Setor de atividade	Agropecuária	51,0	54,5	3,5
	Indústria	40,4	49,3	8,9
	Construção civil	35,4	43,9	8,6
	Comércio	58,7	60,7	2,0
	Serviços	29,6	37,6	8,0
	Administração pública	9,0	11,6	2,6

Fonte: PNAD Contínua Trimestral – IBGE. Elaboração: própria. ¹Dados do terceiro trimestre de cada ano.